

APRESENTAÇÃO

FOREWORD

A equipe editorial de Estudos de sociologia comemora o fato de publicar e disponibilizar, ao público leitor, o volume 2, número 22 (2016) da revista. Comemoramos, porque afinal, nesses tempos de instabilidade e retrocessos, publicar textos de sociologia não deixa de ser um ato de liberdade. Pois algo se quebrou, algo vem se quebrando. Caímos num poço sem fundo, e é preciso chegar lá embaixo para ter forças e subir, novamente. Eis o paradoxo, então: justamente agora que os leviatãs da tragédia brasileira começam a impor retrocessos nos diversos cantos da cidadania brasileira, cada gesto vira compromisso, cada lance trivial, como a publicação de uma revista acadêmica, vira resistência. O ato de publicar vira exercício da liberdade de expressão, pois fortifica o direito de pensar.

Assim, temos o prazer de disponibilizar este número da revista. O formato segue o do número anterior: há encadeamento temático, embora este não seja resultado da organização de um dossiê temáticos. São sete artigos e uma resenha, a saber: três artigos têm vinculação temática com a questão de gênero e sexualidade – discussão fundamental e que necessita de explicitação, até por causa do desprezo e marginalização que tais temáticas ainda sofrem na atual conjuntura política; dois artigos estão relacionados ao tema da educação; mais dois, com objetos de análise diferentes, abarcando a teoria política e a sociologia da fotografia e, enfim, uma resenha de cunho teórico sobre livro recentemente traduzido para o português do pensador francês Alan Badiou.

Entre os artigos que tratam, direta ou indiretamente a questão de gênero, o primeiro escrito é tradução de um texto de Corinne Lennox e Matthew Waites, “Direitos Humanos, orientação sexual e identidade de

gênero na *Commonwealth*: da história e do direito ao desenvolvimento de diálogos ativistas e internacionais”. O artigo articula discussões sobre orientação sexual e identidade de gênero com a temática mais ampla dos direitos humanos – nesse sentido, seria discussão sobre política de gênero e sexualidade ou teoria política a partir da questão de gênero e sexualidade e também da cidadania. Seu foco geral é a luta pela descriminalização da homossexualidade em países do *Commonwealth of Nations* (Comunidade das Nações: países que fizeram parte do antigo Império Britânico). O escrito divide-se em cinco partes: a) discussão sintética sobre a criminalização da homossexualidade na *Commonwealth*, apresentando alguns exemplos empíricos. Nessa parte, constrói-se vínculo orgânico entre a temática dos direitos humanos e a discussão sobre orientação sexual e identidade de gênero; b) a segunda parte aborda de forma ampla o debate sobre sexualidade e gênero, sendo contribuição original que visa as discussões públicas internacionais e a literatura acadêmica sobre o tema. Engloba, inclusive, na análise, vários Estados do Sul Global (noção que tem relação com a globalização econômica, pretendendo transcender uma delimitação geográfica restrita); c) a terceira parte apresenta uma análise histórica da criminalização da homossexualidade no Reino Unido, tomando este Estado como contexto e referência para os outros Estados do *Commonwealth*; d) a quarta parte versa, de modo mais específico, sobre políticas de direitos humanos, tomando como objeto a orientação sexual e a identidade de gênero, em todos os Estados do *Commonwealth*. No caso, a análise empírica é abrangente, pois discute dados relacionados à discriminação no emprego, leis sobre crimes de ódio e parcerias civis, incluindo casamentos homossexuais; e) enfim, a quinta parte foca a própria *Commonwealth*, analisando os movimentos de ativistas e políticos e suas lutas para influenciar e transformar as questões relativas à orientação sexual e à identidade de gênero em agenda pública de

direitos. Discussão importante, pois desconhecida aqui no Brasil.

O segundo artigo que trata tema relativo à questão de gênero é o de Jonas Anderson Simões das Neves, intitulado “O trabalho e a construção da identidade feminina na agricultura familiar”. A análise articula trabalho e identidade, sob a perspectiva de gênero, pois aborda os projetos ocupacionais de jovens agricultoras. Toma como objeto mais específico a qualidade do trabalho e suas repercussões nos processos de identificação – nesse sentido, faz relação entre qualidade do trabalho e projeto ocupacional. Trata-se de texto ancorado em pesquisa empírica, com a utilização e a junção de questionários e de entrevistas, perfazendo uma perspectiva quanti-qualitativa. Toma-se como base para se pensar a qualidade do trabalho agrícola a inserção e a experiência da agricultora na unidade produtiva. Dada as condições precárias de trabalho na unidade produtiva, o autor argumenta que tal fato causa uma crise de identidade nas trabalhadoras, principalmente em relação à agricultura. Cria-se, assim, representações desfavoráveis em relação ao trabalho na agricultura, produzindo processo de identificação negativa entre as agricultoras. Tais processos de identificação negativa produzem sua contrapartida: processos de identificação positiva em relação ao meio urbano e, com isso, projetos ocupacionais visando a inserção urbana e, conseqüentemente, o abandono do meio rural.

Se o trabalho anterior é uma pesquisa empírica, o escrito de Neiva Furlin, “A produção do feminino: representações de gênero no discurso da teologia católica tradicional”, é um ensaio; logo, tem liberdade de conteúdo em relação às verificações empíricas. Seria, nesse sentido, teorização sobre um processo de subjetivação, isto é, sobre a “produção do feminino”. Com esse objetivo, analisa aspectos da literatura produzida por teólogas feministas. A partir de tal literatura, a autora infere representações de gênero provenientes do discurso católico tradicional. O ensaio é análise histórica, com base em Michel Foucault e sua perspectiva genealógica – logo, a análise gira em torno de dispositivos de poder. O problema, assim, é compreender como os

processos de subjetivação feminina foram produzidos no universo do saber teológico. Adotando a postura metodológica foucaultiana, a autora articula discursos sobre gênero, corpo feminino e poder performativo, produzindo corpos e formas de sujeição. Tais processos resultam em desigualdades de gênero no âmbito mesmo das práticas eclesiais.

Após o eixo temático sobre questões de gênero, os dois artigos subsequentes abordam a educação – estariam *lato sensu* no campo vasto da sociologia da educação. O escrito de Cristiano das Neves Bodart e de Roniel Sampaio Silva, “Um raio X do professor de sociologia brasileiro: condições e percepções”, por meio de dados secundários (Censo Escolar MEC/INEP – 2016 e questionário aplicado a 550 professores de sociologia de todo o Brasil), traça um perfil ocupacional dos professores. A montagem do perfil mostra a precarização do trabalho do professor de sociologia no Ensino Médio. É a precarização específica de uma precarização mais ampla que é o trabalho docente no Ensino Médio brasileiro. Igualmente, como pano de fundo dessa precarização, mostra-se a desvalorização curricular do próprio ensino de sociologia, além da falta de recursos didáticos adaptados ao ensino de sociologia. Assim, o complemento de tais condições de trabalho seria, inclusive, a falta de professores licenciados em sociologia no Ensino Médio.

O próximo texto permanece na análise sociológica do Ensino Médio, mas muda de foco e de objeto. Não é mais o perfil do docente, o objeto a ser examinado, como no artigo anterior, e sim os manuais didáticos de sociologia – manuais que articulam, de alguma maneira, o ensino e o exercício da cidadania. O texto contextualiza historicamente a relação entre educação e cidadania no Brasil – relação tensa e, na maioria das vezes, um tanto ausente. No caso, qual seria a relação entre o ensino de sociologia e a cidadania. O texto problematiza essa relação a partir da interpretação

discursiva dos manuais. Produz três classificações dos manuais em que a relação entre sociologia e cidadania é problematizada. No fundo, são três enquadramentos normativos do ensino de sociologia produzidos por três concepções sobre a relação entre educação e cidadania. Vemos, assim, manuais que relacionam ensino de sociologia e a cidadania, mas mediada pelo papel último da educação de formação cidadã; outros que identificam diretamente ensino de sociologia e cidadania, colocando o ensino como o próprio exercício da cidadania, pois forma o jovem para esse objetivo. E, finalmente, outros manuais não trabalham diretamente com essa relação entre ensino e cidadania; ou, pelo menos, tais manuais não focam imediatamente, do ponto de vista do ensino, tal relação.

Findo o momento dos eixos temáticos, apresentamos agora dois artigos “avulsos”: o primeiro texto, de Carlos Eduardo Bao (“Revisitando Maquiavel sob a ótica da ambivalência”) aborda o pensamento de Maquiavel e toma como referência, para esse objetivo, a noção de ambivalência de Zigmund Bauman; o segundo, de Jesus Marmanillo Pereira (“Notas sobre os contemporâneos da sociologia e suas contribuições para os usos da fotografia em pesquisas urbanas”), de caráter teórico-metodológico, faz um balanço comparativo entre os aportes de importantes sociólogos, como Erving Goffman, Howard Becker e Pierre Bourdieu, e o uso da fotografia.

O texto de Carlos Eduardo Bao tem como objetivo explicitar as ambiguidades das posições de Maquiavel por meio da importante noção de ambivalência de Bauman. Para tal, o autor evita (e, por isso, problematiza) possíveis anacronismos, ao aplicar e projetar conceitos, mesmo que passíveis de aplicações no tempo e no espaço, para a interpretação de posições teóricas e políticas do passado. Utilizando Quentin Skinner, o autor problematiza a interpretação de escritos situados no passado, isto é, em espaços e tempos historicamente diferentes do autor da interpretação.

Assim, evitar anacronismo é evitar a falácia histórica. Depois dessa “limpada” do terreno interpretativo, o autor infere que seria possível, ao tomar como válida a premissa de Bauman de que existe uma ambivalência intrinsecamente linguística, aplicar a noção baumiana ao pensamento do autor florentino.

Já Jesus Marmanillo articula teoricamente, no seu artigo, os aportes teórico-metodológicos de sociólogos, como Erving Goffman, Horward Becker e Pierre Bourdieu, e o uso “sociológico” da fotografia. Toma, assim, como premissa que a fotografia pode ser utilizada como forma de conhecimento da realidade. Haveria uma metodologia adaptada ao uso da fotografia como método visual na pesquisa urbana. O autor demonstra que o “aspecto visual” sempre esteve presente na sociologia e, conseqüentemente, nos aportes teórico-metodológicos dos autores analisados. Seria possível, no caso, afirmar que há, em tais aportes, modelos metodológicos para o uso sociológico da fotografia, principalmente aplicados à interpretação empírica

Enfim, chegamos ao último texto desse número da revista. É resenha, escrita por Guilherme Figueredo Benzaquen, sobre o importante livro de Alan Badiou, “Em busca do real perdido”, publicado pela editora Autêntica.

Boa Leitura!

Comitê Editorial

Revista Estudos de Sociologia